

GED

GASTROENTEROLOGIA ENDOSCOPIA DIGESTIVA

Edição dedicada ao

XXX Congresso Brasileiro de Gastroenterologia
VII Congresso Brasileiro de Endoscopia Digestiva
CONTENDO OS RESUMOS DOS TEMAS LIVRES



Órgão oficial da
Sociedade Brasileira de Endoscopia Digestiva (SOBED)
e da
Federação Brasileira de Gastroenterologia (FBG)

VOLUME 9 — NÚMERO 3 — JULHO/SETEMBRO, 1990

Título O DIAGNÓSTICO DA ESOFAGITE: ENDOSCOPIA, CROMOSCOPIA E HISTOPATOLOGIA
Autores FERRARI, A.P.; CAMACHO, L.; LANZONI, V.P.B.; GEOCZE, S.; VILELA, M.P.;
Serviço ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

Resumo: Os autores apresentam um estudo realizado em pacientes com queixas dispepticas inespecíficas (náuseas, eructações, empaxamento e dor em queimação sem ritmicidade ou localização precisa), nos quais foi pesquisada a incidência de esofagite por 2 métodos diferentes: endoscopia digestiva alta com cromoscopia (coloração pelo lugol) e histopatologia considerada como método gold-standart.

Devido ao encontro de grande percentual de alterações histopatológicas na mucosa esofágica destes pacientes (46,5%), os autores alertam para o fato de que, a exemplo do que ocorre na mucosa gástrica, talvez a simples presença de alteração histológica em um fragmento de biópsia seja insuficiente para rotularmos o paciente como portador de alguma "doença". Sugerem a possibilidade de estudos maiores e a elaboração de classificação mais precisas para responder a tais questões, sempre considerando a utilização da histologia com método final, para que possamos talvez um dia, definir se tais alterações são realmente doenças, que merecem tratamento ou constituem apenas achados de exame, ou artefatos de técnica.

Título INCIDÊNCIA DE ESÓFAGO DE BARRETT (E.B) NAS ESOFAGITES DE REFLUXO (E.R): RESULTADOS PRELIMINARES.

Autores BIZINELLI, S.L.; VALARINI, S.B.M.; PAROLIN, M.B.; SOUZA, R.C.A.

Serviço SERVIÇO DE ENDOSCOPIA DIGESTIVA DO H.C. - UFPR.

Resumo: Estudaram-se, até a presente data, 38 pacientes encaminhados ao Serviço de Endoscopia Digestiva do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, com o objetivo de verificar a incidência de EB nas ER.

Incluíram-se pacientes que apresentavam ER, graduados de acordo com a classificação da Savary-Muller (S.M) sendo obtido seis (6) fragmentos de biópsia, pelo menos 2cm acima da transição esôfago-gástrica - Linha Z.

Dos 38 pacientes, 26 eram do sexo masculino (68,42%) com idade variando de 24 a 88 anos e idade média de 49,76 anos; 12 do sexo feminino (31,58%), com idade de 14 a 83 anos e média de 56,66 anos. Independente de sexo a média para ER foi de 51,94 anos e para EB de 58,6 anos. Em 5 pacientes (13,15%) a histologia confirmou EB. Em apenas 1 o endoscopista sugeriu o diagnóstico de EB que não foi confirmado ao exame de anátomo-patológico.

Nos pacientes em que a histologia mostrou EB 1 apresentava esofagite Grau I, 2 Grau II e 2 Grau IV A, (classificação de S.M).

A conclusão é que nas ER existe dificuldade no diagnóstico endoscópico de E.B, mas biópsias em todos os pacientes, seguramente trará uma maior porcentagem de E.B.

TL 04 - CLÍNICA — FÍGADO I

Título Alfa-fetoproteína (AFP) sérica na evolução das hepatites B agudas e crônicas. Resultados preliminares.
Autores CRUZ, C.F.N.; KEMP, V.L.; OLIVEIRA, P.M.; MACHADO, D.; GUIMARÃES, R.X.
Serviço GASTROENTEROLOGIA CLÍNICA ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

Resumo: A AFP é usada como marcador no desenvolvimento do hepatocarcinoma em cirróticos, porém sua elevação na hepatite aguda e em remissão ainda não é bem explicado. Alguns estudos propõem um valor preditivo de AFP na evolução da hepatite para cirrose (Liaw, 1988).

O objetivo deste estudo foi avaliar os níveis séricos de AFP em 3 grupos de pacientes com hepatite B: hepatite aguda, em remissão e crônica ativa (HCA), esta diagnosticada por biópsia hepática.

Foram estudados 80 indivíduos com hepatite B. O diagnóstico foi bioquímico (TGP/TGO) e sorológico (Enzima-imunoensaio). A dosagem sérica de AFP foi feita por técnica imuno-enzimática. Os resultados encontrados foram: 38 indivíduos em quadro agudo (25:23) apresentavam nível sérico médio de AFP de 69:98 ng/ml; 28 em remissão (17:11) com AFP média de 14,42 ng/ml e nos 14 com HCA (11:3) o nível médio de AFP foi de 48 ng/ml.

Esse estudo mostrou que em hepatites B agudas os níveis de AFP são elevados, com resultados compatíveis com a literatura que relata níveis elevados de AFP após o pico das transaminases. A razão deste aumento não é explicada sugerindo que haja relação com a regeneração celular após a agressão viral e a necrose hepatocelular. Na fase de remissão os níveis de AFP também foram elevados, entretanto com valores inferiores aos da fase aguda, enquanto na HCA a média dos níveis de AFP foi normal. Estes dados sugerem que a AFP se eleva logo após a agressão hepática, retornando ao normal independente do tipo de evolução (cura ou cronificação).

Título PREVALÊNCIA DOS MARCADORES SOROLÓGICOS DO HBV EM INDÍGENAS DO SUDESTE DO PARÁ (PA)

Autores VIEIRA-FILHO, J.P.B.; CRUZ, C.F.N.; KEMP, V.L.; SANTOS, O.M.; GUIMARÃES, R.X.

Serviço ENDOCRINOLOGIA E GASTROENTEROLOGIA ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA (EPM)

Resumo: Estudos prévios demonstraram elevada prevalência dos marcadores séricos do HBV em indígenas brasileiros.

No sudeste do PA habitam 5 tribos indígenas: duas Xikrins (1=Cateté, 2=Bacajã), duas Paracanãs (3= Bom Jardim 4=Marudjewara) e uma Gavião (5). Em julho de 1985 a população era constituída por 870 adultos (>15 anos).

Neste trabalho foram analisados as prevalências dos marcadores do HBV e do HDV por técnica imunoenzimática. Os resultados são apresentados na tabela:

N	%Total	HBsAg+	AntiHBc+	AntiHBs+	Algun+
1	112=39,3%	7= 6,3%	56=50,0%	49=43,8%	65=58,0%
2	60=34,1%	10=16,7%	35=58,3%	23=38,3%	40=66,7%
3	50=37,3%	5=10,0%	6=12,0%	3= 6,0%	12=20,0%
4	38=48,7%	4=10,5%	22=57,9%	18=47,4%	29=76,3%
5	84=42,6%	3= 3,6%	41=48,8%	46=54,8%	54=64,3%
T.	344=39,5%	29= 8,4%	160=46,5%	139=40,4%	200=58,1%

A pesquisa do vírus Delta (anti-HD) foi negativa em todos os indivíduos HBsAg positivos.

Os dados aqui apresentados demonstram que as populações indígenas do Sudeste do Pará (exceto 3) apresentam comportamento semelhante ao previamente descrito em outras áreas indígenas, como o Parque Indígena do Xingu (PIX). Estudos em população mais jovem (RN, crianças e adolescentes) neste local poderão identificar o tipo de transmissão mais comum: horizontal ou vertical.